

- piscava os olhos. - Estava tentando ligar a algumas horas. Sempre pensava que era, no mínimo, contraditório o planeta Terra ter a droga de um satélite cravado num cometa, mas ainda sim as ligações serem tão ruins.

a estrada em frente parecia uma serpente preta, se perdia no horizonte e não haviam postes, na verdade, se não fossem pelos faróis do carro ele ficaria totalmente no escuro. Em algum grau, ele gostava daquela escuridão que engolia o carro. A penumbra tinha fome e ele não se intimidava com essa perspectiva.

Roberto da Silva era apenas mais um na metrópole cinza onde morava e trabalhava. Sem rosto, Tentava sempre demonstrar talentos no mundo corporativo, mas ser artista digital era muito complicado em um mundo capitalista. Mas ao menos Roberto, ou Bob para os íntimos, não gostava de ser tratado como um Silva qualquer, como um número. Para os diretores ele nem mesmo era o Roberto S. Silva, ele era apenas o 39J, isso para ele era subestimar o que ele tinha de melhor... seu potencial criativo, sua destreza manual e principalmente, sua capacidade de se manter criativo quando todos queriam apenas a linha de produção binária dos proletários modernos.

- Droga DE telefone, NÃO ACREDITO. - Bob jogou o celular em cima do banco, rolando os olhos e vendo a luz do display iluminar parte da porta, quicar e começar a discar novamente, para algum número aleatório. - Fantástico, vai ligar pra alguém e cair na caixa postal... depois vão me cobrar a ligação.

Bob estalou a língua e tentou se esticar pra pegar, mas foi lembrado pelo cinto, que quase o enforcou, que talvez fosse melhor esperar outro momento.

“eu não acredito, aquele sanduíche me deu azia... também, a digestão de merda de um gordo maldito... não... não, não estou gordo, é apenas excesso de gostosura... minha tia falava isso...ele falava em voz alta mais para preencher o vazio do que por qualquer outra coisa.

Tentou ligar o som do carro, mas naquele lugar, no meio da estrada, não conseguia encontrar nada a mais do que pastores expulsando demônios e estática. Algumas rádios tinham pessoas falando sobre suas vidas privadas, como queria que fosse diferente e como o mundo poderia ser.

política, condição das estradas e clima... sempre terminava nesses assuntos. “quem diria, não existe vida inteligente na madrugada”, era o que uma vizinha dizia dentro da sua cabeça, ele sorriu com o comentário, parecia estar ouvindo outra pessoa. - não existe vida inteligente... pelo menos não no rádio...

Ele imaginou que tinha algum sentido naquele comentário, na mesma hora que um pastor protestante clamava “arrependei-vos, o sétimo dia está terminando e o poço de fogo precisa ser alimentado...”.

As luzes azuis do painel indicavam a quilometragem em milhas e em “k/H” E EM BAMBAS AS VELOCIDADES ELE SABIA QUE NÃO ESTAVA SUFICIENTEMENTE RÁPIDO. Bob estava pisando fundo, mas nem tanto quanto ele queria, ainda tinha alguma prudência nesses pensamentos.

Quando olhou no retrovisor contemplou os próprios olhos e sentiu que mesmo depois de tanta cafeína e energéticos, aqueles olhos eram mais de presa do que de predador. Na cidade, ele fora treinado para ser um tubarão, mas naquela escuridão umbrosa, não passava de uma presa.

- procurando Nemo. - ele pensou alto novamente. - será que depois daquela curva vou encontrar um disco voador ou uma vaca qualquer? -

A nuca castanha dele se arrepiou com esses pensamentos, ainda mais quando aquelas histórias de Varginha, ou do projeto Prato eram tão parte das narrativas que ele cresceu ouvindo. Nem pensem

que ele era um interiorano ou gostava dessas merdas de causos, mas quando viajava com a família, no começo da década de 90.

Ele ouvia seus tios e primos contarem vantagem em escaparem no último segundo de Ets ou por assombrações no mato.

As mãos apertavam o volante do esportivo. Já que a rádio não tinha nada que valesse a pena ouvir, Bob pensou mais uma vez em seu celular, imaginou que ouvir um podcast ou uma das suas playlistes poderia ajudar o tempo a passar.

Lembrar do aparelho apenas o fez com que direcionasse a atenção para o piso do carro, ouvindo com lamento quando a voz do outro lado disse “sua chamada está sendo encaminhada para a caixa de mensagens e estará sujeita a cobrança após o sinal”. – SE A Diana ME LIGAR ESTOU FODIDO... – ELE IMAGINAVA OS PROBLEMAS QUE JÁ O SUFOCAVAM DENTRO DO CEDÂ. – NUMA ESTRADA, NO MEIO DO NADA E COM A PORRA DE 2 BILHÕES DE ESTRELAS NO CÉU. -A BRIZA SOBRAVA, MAS Bob NÃO SENTIA NA PELE, PREFERIA SENTIR O AR FRIO QUE VINHA DO PAINEL. DIGITAVA OS BOTÕES DO SOM SE AMALDISOANDO POR NÃO TER LIDO O MANUAL... NUNCA LIA, MAU DE HOMEM OU MAU DE HUMANO? NUNCA LEU E JAMAIS LERÍA MESMO.

Olhando em frente, viu quando de forma tímida uma placa de madeira estava escrita com dizeres que pareciam pintados à mão, “Santa Luzia”. Ele não sabia o que isso significava, mas algo em sua cabeça dizia Que a santa em questão era o nome de uma cidade de BH. Talvez fosse coincidência , mas tinha visto uma reportagem relatando que um homem, tinha matado três crianças nessa cidade. Ele alegou que elas brincavam fazendo muito barulho. Bob estava tentando lembrar de que a Santa Luzia era padroeira, ou intercessora... mas o pensamento criou asas quando ele viu um espantalho encimando um poste, pendurado pelo pescoço, a figura estava quase escondida pelo escuro e pelo mato que crescia ao redor do mastro, mas devia estar ventando bastante, pois o corpo de feno e palha se balançava languido... “talvez estivessem em alguma data comemorativa... esses costumes llocais...”

- Diana, ESPELHO... QUERI,A QUE EU FOSSE PRA CASA DOS PAIS DELA NA Argentina, ESPELHO... CLARO QUE EU NÃO vou, quem ela pensa que é? Quem ELA PENSA QUE É? ESTAMOS JUNTOS A DOIS ANOS E EU NUNCA PRECISEI FALAR “EU TE AMO”, Nunca precisei fingir que gostava do general... ela pensa que só por que eu amo, tenho que dizer... aquelas comédias românticas racharam a cabeça dela.

Bob olhava o retrovisor novamente, afastando e levantando o espelho até os sulcos da sua testa. – 33 anos e eu não sei se preciso ser um cara doce ou apaixonado... o que você acha, espelho?

- não sei Bob, você pensa demais e age de menos. – o espelho devolveu a pergunta com uma voz gutural.

Roberto fitou o espelho indagando. Havia ouvido a voz ou tinha apenas imaginado? Dilatou as narinas e vislumbrou seu reflexo, que trimilicava no vidro da janela. Ele olhou com desdém quando a placa de 120 km/h passou, luminosa e de certa forma, convidativa.

O motor roncava constante e a rotação diminuía apenas quando Bob desenhava a curva sinuosa, ele se acomodou no estofado e se sentiu ameaçado apenas por estar sozinho, sentia que talvez aquela escuridão sideral, não fosse sua amiga e levaria dois segundos para as estrelas cadentes bombardearem seu caminho.

- sabe Bob, você é um cara legal, Diana tem certeza que passando por aqui, só pra ir pra casa dela eu poderia te encontrar, adivinha Bob... te encontrei.

O que a Diana tem com isso? Eu gosto de dirigir, gosto de ficar sozinho, gosto de viajar... não tem motivo pra eu não gostar de ir até a casa dela... – Bob apertou mais o volume deixando as veias protuberantes no torço da mão.

- bob... Bob... ela está na casa dela, mas não está te esperando... ela sabe que você não vai chegar.  
- a voz vinha de todos os lados, sutil e sem agressividade, mas em ondas constantes.

- ela não está esperando por mim... tudo bem, tá legal... eu vou fazer uma surpresinha pra ela. – agora o tom de voz indicava que Bob estava tentando se convencer do que dizia.

- você saiu de São Paulo antes de anoitecer, um pouco antes... mas sabe o que aconteceu nesse meio tempo, enquanto estava na estrada? – os olhos injetados fitavam Bob de maneira inquisitiva.

- não faço ideia, o que? Um apocalipse zumbi? – Bob falava em tom debochado sem fitar o retrovisor e nem o reflexo da janela.

- não me diga que foi um apocalipse? Anda vendo muito filme... o que morre fica morto, não se levanta... matéria e células, secam e apodrecem.

-você é estranho... o pior é que acho que você sou eu, se me entende... – Bob aumentava seu tom, tentando parecer mais corajoso. Mostrar a coragem que normalmente não tinha. Ceticismo não era o mesmo que coragem.

- sabe Bob... eu não sou você, não diretamente... eu sou apenas o “maquinista” desse vagão... muita gente passa por aqui sabe... – a voz parecia vir de todos os lugares, mas de nenhum lugar diretamente. – eu consigo falar com você e com todos que desdenham, mas quando menos se espera... estão aqui, nessa parte da estrada.

A voz acariciava os ouvidos de Bob, enquanto ele olhava adiante e via quando os faróis irradiavam folhas douradas na sua frente, ao sabor das curvas, o milharal já ladeava a estrada, veio de repente e quando Bob percebeu, já estava em um corredor cheio de sabugos pendurados nos ramos dos pés de milho. As folhas amarelas de um verde pálido faziam os sabugueiros parecer que pessoas acenavam de uma dimensão distante. O vento completava o cenário soprando lamentoso.

- Vagão? Estamos dentro de um Toyota completo meu amigo... não existe trêns por aqui. você não é uma voz com corpo, e provavelmente você é sim parte da minha cabeça. Além do mais.....

- Você não pode descer do carro, jamais... só se quiser ficar só se quiser ficar aqui e chamar outros para se juntarem a nós. – a voz interrompeu Bob, mas mesmo assim se manteve em um tom sóbrio.

- O celular vibrou, cortando o que a voz dizia.

- não posso descer, ah... vai a merda... eu vou descer, adivinhe... deu vontade de mijar e não vai ser aqui no carro... – Bob falou severo para onde quer que a voz viesse. Mesmo tentando parecer dominador, o motorista acelerava tentando vencer as margens da plantação. Mas ela nunca acabava.

Finalmente a pontada na bexiga superou o limite do aceitável, Bob relutou o quanto pôde, mas finalmente foi parando o carro. O motor estremeceu e morreu, antes que Roberto o desligasse. A voz foi ouvida mais uma vez, antes mesmo que Bob abrisse a porta.

- rummm hummm hummm... ela rosnava e ria, naquela mistura entre ondas que quebravam e uma fera saindo de uma caverna abismal.

Bob engolia em seco e pensava que agora poderia pegar seu celular no chão do carro, mas o pensamento voou quando sentiu mais uma pontada em sua virilha.

“fala sério... vai ser só uma mijadinha e volto. - ele falava mais para si, enquanto o seu pé esquerdo encostava no chão negro do lado de fora do carro, que vibrava tênue pelo motor que funcionava. O ar fora do carro estava estranhamente quente, talvez fosse o contraste do ar condicionado, mas o fato era que a noite tropical cobrava o preço de suor mesmo nas condições de céu estrelado, sem nuvens.

Enquanto ele entrava no acostamento, viu quando um vulto passou em algum lugar entre os pés de milho. O fio fumegante de urina caía e era o único som ouvido por Bob, O SOM DO MIJO E DE UNS GRILOS QUE CRICRILAVAM EM ALGÚRES.

ROBERTO FICOU OLHANDO ONDE TINHA A IMPRESSÃO DE TER VISTO O VULTO, MAS IMAGINOU SER MUITO MELHOR FICAR PARADO, COMO UM NAUFRAGO TENTANDO NÃO SER VISTO POR UM TUBARÃO NOS INSTANTES QUE ANTECEDEM O SANGUE ESPRAIANDO NA ÁGUA.

- OBERTO, EU ESTAVA ESPERANDO POR VOCÊ, MEU AMOR... - UM VULTO APARECIA ENTRE OS FRONDOSOS CAMINHOS ENTRE O MILHARAL.

OLHANDO COM MAIS ATENÇÃO, Bob FOI SURPREENDIDO QUANDO SEM NENHUMA DÚVIDA VIU QUANDO Diana apareceu, um vestido branco e fino, ele sabia ser o mesmo do dia dos namorados passado, ele comprara em uma loja de antiguidades em Santo André quando transformaram uma viagem de trabalho em uma Lua de Mel sem planejamento, apenas com improvisado. O fôlego dele virou um miasma quando viu a imagem dela, linda e luminosa ao luar.

- Diana... minha linda Diana, oque... o que está fazendo aqui? - ele se aproximava limpando as mãos nas calças, deixando rastros molhados no jeans. Ele olhou para o carro se certificando que ele ainda estava lá, não era uma degeneração.

A mulher sorriu, dentes brancos e lábios vermelhos, contrastando com a pele. Seus cabelos revolteavam em pequenos torvelinhos quando o vento a beijou, parecendo sussurrar. Ela levantou os olhos, fitando Bob e deu um passo para trás, depois outro... andando para longe, se virando e correndo.

bob seguiu a mulher, ela corria não muito distante do seu ponto de visão. O coração estava alucinado, parecendo a banda marcial do corpo de bombeiros de São Paulo.

Enquanto Bob se perguntava para onde sua namorada corria, viu com angústia muda que o seu carro sequer podia ser visto de onde estava. Os caminhos sinuosos já o levavam em uma brincadeira inglória.

Depois de persegui-la por algum tempo, Bob sentiu o coração tamborilando forte, o que o fez reduzir o ritmo, o ar saía do seu nariz com sofreguidão, mas da boca, saía de forma hiperventilada. Uma pontada na costela direita era o sintoma de sua respiração fora da cadência saudável.

A mulher Corria como uma amazona. Bob notava seus pés descalços. O pulsar das veias em suas têmporas martelava de forma violenta, avisando que seria uma boa ideia se ele parasse. Bob se amaldiçoava por não ter tido a disciplina para frequentar as aulas de box que ele pagava religiosamente, mas que nunca ia.

- ei Diana, não faça isso comigo meu amor... espere por mim... me diga... como... aff... como... espera... esp... espera... - ele ofegava e finalmente parava, com as mãos nos joelhos, ofegando.

Cambaleando e sentindo a dor no flanco, Bob seguiu às cegas, uma trilha entre os sabugueiros. Ele ergueu a cabeça lentamente, em seus lábios ressequidos, o nome de Diana virava um sussurro de cansaço e depois um lamento. Ele se apoiou em algo que ele pensava ser um sabugueiro, mas erguendo o olhar viu um espantalho medonho. C

om sorriso vermelho e largo. A boca era costurada com fios grosseiros e palhas de milho simulavam madeixas loiras. O boneco estava estacado de braços abertos e chapéu mole, meio de lado. A aba larga e a altura ficavam entre um fedora e uma cartola.

Outros espantalhos estavam inertes ao largo das margens da clareira do milharal. Alguns olhavam para o céu, outros para o chão, mas todos estavam estáticos.

Bob sentiu novamente quando o ar foi expulso de seus pulmões, mas agora de forma mais estrangulada e ardente, parecia que o coração ia sair pela boca. Mas ele foi se acalmando ao ver que o espantalho estava preso por uma haste, imóvel e inanimado, olhos eram cascas de alguma castanha que ele não conhecia.

- meu amor... estive esperando por você e agora vai ficar aqui, comigo... sabia? A voz da mulher vinha quase como um sussurro, por trás de Bob que se virava aos poucos e sentia a umidade morna entre suas pernas e joelhos. o vento soprava e Diana, pálida sorria mostrando sua beleza fantasmagórica.

Roberto olhou em volta, acompanhando vultos que via arquejando como bonecos de um grande deus ventríloquo. As espigas e folhas do milharal tremulavam e gemidos pareciam vir de vários pontos ao redor.

Um murmúrio gutural veio do espantalho que estava parado, perto de Bob, no meio da clareira. Quando o homem olhou dele para Diana, que parecia divertida, viu quando a cabeça do boneco olhou para frente e a sua boca, mesmo costurada, tentou falar, mas não conseguindo, gargalhou abafadamente.

Bob quase deixou seus olhos caírem das orbitas, e imediatamente ele virou a cabeça de um lado para o outro. Olhando ao largo da clareira sentiu seu intestino se soltar quando os espantalhos caíram pesados no chão, se transformando num amontoado de trapos e roupas. Os sabugos e o milharal balançavam mesmo sem vento. Diana caminhava em direção a Bob. - não devia, nunca deveria ter saído do vagão... foi avisado, mas veio mesmo assim...

Roberto ignorou a mulher, mesmo linda, mesmo divertida, mesmo sendo Diana... ele correu... correu como não se mais via, correu como se não houvesse amanhã e talvez... não tivesse mesmo.

Ele ouviu passos andando atrás de si, passos pesados e cada vez mais rápidos. Ouvia a risada de Diana e sentia o hálito morno de vozes ululantes chamando seu nome.

De um lado e de outro, as paredes do biombo amarelo que era o milharal, se vergastavam e balançavam, sem deixar se ver os vultos, mas as presenças eram inconfundíveis, eram hostis.

Roberto sentia que antes de morrer ele tinha que correr, se sentia uma presa acuada, mas fugiria antes de se deixar prender e ser despedaçado.

O peito martelava e ele podia ver, agora nitidamente, seu carro, porta aberta e brilhante. parecia que estava esperando por ele. Sua carruagem para a fuga, seu corcel negro... seu vagão para longe dali.

Ele olhou para trás e viu o milharal ondulando pelos movimentos do quer que o perseguisse. – estou chegando, vou chegar... tenho que ir embora... – ele ouvia os passos abafados e se aproximando. Já ouvia também o rádio estático e que oscilava com mensagens de um evangelho que ele não acreditava.

Entrou no carro, sentindo as calças imundas, mas nada disso importava. Viu quando a criatura Diana estava se aproximando e estendendo a mão para a maçaneta, mas pisando fundo, ele agradeceu por ter deixado o carro ligado. E cantou pneu no arranque. Sentia que estava deixando aquela merda pra trás. – que porra foi essa? – descabelado e suado, ele tentava puxar o ar sentindo o peito martelando e uma queimação no estômago e o braço esquerdo repuxando...

- espelho, está aí? – ele chamou sem saber ao certo o que pretendia.

- claro que eu estou... Bob... – a voz respondeu enquanto os olhos do motorista devolviavam o olhar ao espelho.

- o que foi isso? Diana, o que ela estava... era ela mesma?

- eu não tenho todas as respostas, Bob... apenas sei de uma ou duas coisas... – a voz respondeu seca.

- eu preciso saber. O que foi isso? – Bob perguntou mais uma vez, quase aos prantos.

- não importa, meu querido Bob... mas eu disse pra não sair do vagão... e você saiu... saiu no milharal... não podemos deixar você vir e voltar... não é mesmo?

Um vulto com cheiro de milho, roupa velha, sangue e mofo, saltou agarrando Bob por trás, na altura do pescoço.

Os gritos abafados e gorgolejantes de Bob foram se transformando em choro, enquanto isso, o espelho apenas ria, entre os cortes estáticos... entre silêncios e a pregação do reverendo.

O carro saiu do acostamento, entrou no milharal e foi perdendo velocidade até que bateu contra outro cadafalso que segurava outro espantalho enforcado, ou seria o mesmo?.

Bob abriu os olhos quando começou a sentir pontadas em sua pele, não tinha como saber,, mas ainda sim, ele sabia que havia se passado algum tempo. Sons de passos e risadas matreiras. Abriu os olhos e não conseguia entender. Tinha pensamentos desconexos... mas organizou seu sentidos quando notou que as roupas que usava não eram as suas.

Bob estava pendurado, fortes dores em suas mãos e o grito veio em seguida, quando sentiu seu corpo preso, por estacas e cordas. A palha era sua carne, envolvia seu corpo, usava um chapéu de couro velho e ao seu redor, via um milharal, via sua nova casa, para sempre.

Fim do conto.